

Elena Castroviejo, Louise McNally, Galit Weidman  
Sasson (Eds.). *The semantics of gradability, vagueness,  
and scale structure*. Springer. 2018. 299 p. ISBN: 978-3-  
319-77790-0

Inês Cantante

cantante.ines@gmail.com

(Centro de Linguística da Universidade do Porto)

As editoras deste livro são autoras reconhecidas nas áreas da semântica e da pragmática, em particular no que respeita ao estudo de predicados graduáveis e da interação entre os fatores semântico-pragmáticos no processamento da linguagem e os processos cognitivos que a envolvem. Ao focar os temas da graduabilidade, estrutura escalar e vagueza, o volume compõe uma obra que utiliza um vasto conjunto de dados experimentais para apresentar conclusões acerca de temas tão vastos como a multidimensionalidade dos adjetivos, a interpretação de predicados vagos ou a subjetividade de expressões graduáveis.

O primeiro capítulo constitui uma breve introdução, pelas editoras, da motivação e necessidade de uma obra como esta, confrontando as várias perspetivas que abordam os temas em foco, terminando com uma breve explicação da organização da obra e um excelente resumo, por capítulo, que, mantendo uma estrutura sucinta, é bastante preciso, sendo, por essas razões, facilmente acompanhado pelo leitor.

O segundo capítulo, de Paul Égré e Jérémy Zehr, denominado “Are gaps preferred to Gluts? A closer look at borderline contradictions”, analisa casos de *borderline contradictions* (cf. Ripley, 2011), i.e., casos em que “one feels equally attracted toward applying and toward denying the predicate” (p. 26), e que podem ocorrer em construções conjuntivas (“x is P and not P”), ou disjuntivas (“x is neither P nor not P”) (pp. 26-27). Os resultados revelaram uma tendência para o uso de formas disjuntivas, configurando esta uma “preference for incompleteness over inconsistency” (p. 40), que privilegia, dessa forma, a informatividade da escolha. Talvez a proposta

mais inovadora neste estudo seja a de que a atribuição do significado é feita a nível local e não global, havendo assim uma redução do nível da frase para o nível das orações que a constituem.

O terceiro capítulo, “Multidimensionality, Subjectivity and Scales: Experimental Evidence”, de Stephanie Solt, aborda a forma como a multidimensionalidade dos adjetivos se relaciona com questões de subjetividade (e escalaridade), assumindo-se que esta constitui uma fonte de ordenação para os níveis de subjetividade, já que “different individuals may weight these component dimensions differently” (p.61). No decorrer da sua investigação, a autora propõe que a ordenação dos valores pode ter origem num de dois fatores: multidimensionalidade do adjetivo ou julgamento pessoal do falante, com caráter avaliador. De acordo com estas duas fontes de subjetividade, os adjetivos podem, então, subdividir-se em, não dois, mas três subtipos: objetivos, subjetivos ou mistos.

O capítulo seguinte, “Online Processing of ‘Real’ and ‘Fake’: the cost of being too strong”, utiliza dados do Alemão, continuando ligado à temática da multidimensionalidade, ao analisar nomes modificados pelos adjetivos “real” (*verdadeiro*) e “fake” (*falso*). Os autores, P. Schumacher, P. Brandt e H. Weiland-Breckle, defendem a ideia de que adjetivos como ‘fake’, que introduzem uma contradição (entre adjetivo e nome), obrigam a um maior tempo de processamento, por parte dos falantes, já que exigem uma espécie de ‘reparo’, ou seja, re-arranjo conceptual. Este capítulo torna-se interessante pelo facto de, ao testar o processamento *online* dos falantes, apresentar uma proposta que se relaciona com a de Égré & Zehr (Cap. 2): os falantes evitam inconsistências.

No quinto capítulo, “Gradable Nouns as Concepts without Prototypes”, Hanna de Vries expõe uma perspetiva muito interessante, que combina uma proposta de Kamp & Partee (1995), a Teoria dos Protótipos (i.e., certos conceitos poderão estar associados a características prototípicas e “the prototype of a concept C is defined as the abstract entity which is most C-like” (p. 116)), com a graduabilidade de adjetivos (cf. Kennedy & McNally 2005). De Vries testa a hipótese de que adjetivos com valor máximo, como *limpo*, têm protótipos, enquanto adjetivos absolutos sem valor máximo, como *sujo*, não têm, propondo uma distinção entre esta ‘prototypicality’ (p. 114) e a noção de acessibilidade (termos mais presentes na memória dos falantes são

mais facilmente processados). Apesar de pressupor alguns conhecimentos prévios, este capítulo é muito completo, pois são combinados os conceitos de vagueza, graduabilidade e escalas abertas e/ou fechadas.

O capítulo seguinte, “Education as a source of vagueness in criteria and degree”, de S. Verheyen e G. Storms, analisa, de uma perspetiva sociolinguística, o processo de categorização aplicado a predicados vagos. O objetivo é observar como é que as diferentes competências linguísticas dos falantes, decorrentes de um maior ou menor grau de escolaridade, se relacionam com a interpretação de conceitos vagos, com base em duas origens para a sua indeterminação: vagueza de grau ou vagueza de critérios. Os resultados obtidos permitem afirmar que o nível de educação dos participantes parece, pelo menos no âmbito muito específico deste estudo, ter efeitos na categorização dos termos. Apesar de se tratar de um estudo de fácil compreensão, é muito específico, pelo que os resultados poderão estar muito dependentes dos estímulos dados aos participantes e dos participantes em si, constituindo, ainda assim, uma boa investigação inicial.

No capítulo “Intensification, gradability and social perception: the case of totally”, A. Beltrama pretende avaliar se o significado social associado a uma expressão, profundamente dependente do contexto social, pode, também, estar associado a fatores linguísticos. Para isso, o autor selecionou o modificador (intensificador) ‘*totally*’ (*totalmente*), pelo facto de ter a particularidade de conjugar características sociais – ao marcar uma certa proximidade social entre os falantes – e semânticas, já que é utilizado como forma de mostrar que o topo máximo da escala foi atingido (cf. Kennedy & McNally 2005) ou, de acordo com outras propostas (cf., e.o, Cantante 2018; 2020), como forma de reforço epistémico, que, segundo Beltrama, revela “individual certainty of the speaker towards the truth of the proposition” (p. 173). De facto, os resultados permitem concluir que este último caso, ‘*speaker-oriented totally*,’ facilita a atribuição de um significado social saliente à expressão, o que comprova que as propriedades semânticas têm influência na construção de um significado social. Este estudo tem particular interesse pelo facto de constituir um ponto de ligação entre abordagens exclusivamente semânticas e abordagens sociais.

Em “Perceived informativity and referential effects of contrast in adjectivally modified NPs”, da autoria de H. Aparicio, C. Kennedy e M.

Xiang, é analisada a distinção entre adjetivos absolutos e relativos, com a qual o leitor, neste ponto do livro, deverá estar já ambientado. Focando nomes modificados por adjetivos, o objetivo dos autores passa por compreender a forma como os falantes de uma língua atribuem referência às entidades designadas por esses nomes. Mais concretamente, é avaliado o efeito que a contrastividade poderá ter na atribuição de um referente ao nome modificado, normalmente associado à informatividade do modificador (cf. Sedivy *et al.* 1999). Os resultados parecem evidenciar uma estreita relação entre diversos fatores: a informatividade do adjetivo, fatores pragmáticos e fatores léxico-semânticos, diretamente relacionados com a estrutura escalar dos adjetivos. A investigação permitiu, ainda, comprovar que o processamento semântico é incremental, construído em estreita relação com o contexto (quando o contexto é mais restritivo, a interpretação fica facilitada).

O capítulo seguinte, “Modified Fractions, Granularity and Scale Structure”, por Chris Cummins, analisa expressões de quantidade (numéricas) para verificar se os números envolvidos e a informação dada pela frase (ou seja, o contexto linguístico) têm influência nas interpretações dos falantes. Para isso, Cummins testou a forma como os participantes interpretavam frases com frações, com o objetivo de avaliar a proposta de Krifka (2002) de que a granularidade das escalas poderá ter repercussões na interpretação dos ouvintes: escalas com granularidade mais fina dão informações mais precisas, mas deverão ter maior custo cognitivo para o falante. Os resultados mostram que, mais importante do que a granularidade, no momento da decisão, deverá ser o conjunto de possibilidades/alternativas apresentadas ao falante pelo contexto pragmático. A ideia final deste estudo é a de que a noção de granularidade, herdada de Krifka (2002), tem de ser refinada para dar conta destas questões complexas. Apesar de ser um bom ponto de partida, a avaliação de frações poderá constituir uma limitação desta investigação, dado que os participantes podem não ter, todos, o mesmo domínio sobre a variável em análise.

O penúltimo capítulo do livro, “Decomposition and Processing of Negative Adjectival Comparatives”, analisa a ideia de que os adjetivos negativos (como *short*) são mais complexos do que as correspondentes formas positivas, porque deverão ser constituídos por duas partes: a forma positiva do adjetivo (por exemplo, *tall*) e um morfema de negação (para o

inglês, 'little') (ou seja, *short* deverá ser um complexo do tipo *little tall*) (cf. Büring 2007; Clark & Chase 1972). Os autores, D. Tucker, B. Tomaszewickz e A. Wellwood, pretendem evidenciar que esta decomposição, a existir, deverá refletir-se num maior tempo de processamento por parte dos falantes. Além de realizarem testes em duas línguas diferentes, Inglês e Polaco, os autores testam a mesma questão utilizando uma linguagem matemática ( $A > B$ ), para verificar se apenas fatores linguísticos estão em jogo no momento do processamento. Os resultados abonam a favor da proposta da decomposição, mostrando, além disso, que os falantes traduzem as notações matemáticas para a sua própria língua.

Por fim, o livro termina com um estudo, de Rick Nouwen e Kajub Dotlacil, "Cumulative Comparison: Experimental Evidence for Degree Cumulation". Havendo casos em que o comportamento dos graus parece aproximar-se do comportamento das entidades, nomeadamente casos de frases comparativas com *than-clauses*, os autores pretendem avaliar se, tal como as entidades, também os graus podem desencadear mecanismos de leituras distributivas ou cumulativas. Os resultados mostram que frases com estruturas comparativas (*than-clauses*) parecem, efetivamente, introduzir relações cumulativas entre graus, o que comprova a existência de pluralidades de graus.

De um modo geral, este livro apresenta uma perspetiva muito abrangente e atual acerca do estudo da graduabilidade de um ponto de vista experimental. Ao agregar um conjunto de estudos muito diversos entre si, mas com um fio condutor comum, em que os resultados são comprovados empiricamente, o leitor pode, através do acompanhamento atento de cada capítulo, chegar a conclusões acerca das perspetivas apresentadas. O facto de ser constituído por capítulos curtos que, em cada caso, apresentam as perspetivas teóricas essenciais para a sua fundamentação (apesar de, em certos casos, haver necessidade de alguns conhecimentos prévios), tornam a leitura deste livro bastante agradável.

## REFERÊNCIAS

- Büring, D. 2007. Cross-polar nomalies. In: T. Friedman & M. Gibson (Eds.). *Proceedings of Semantics and Linguistic Theory 17*. Connecticut: Linguistic Society of America, 37-52.
- Cantante, I. 2018. *Sobre a semântica dos adjetivos adverbiais modais*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Cantante, I. 2020. Sobre a escalaridade dos adjetivos adverbiais modais. *Linguística*. 15: 41-70.
- Clark, H. H. & Chase, W. G. 1972. On the process of comparing sentences against pictures. *Cognitive Psychology*. 3(3): 472-517.
- Kamp, H. & Partee, B. 1995. Prototype theory and compositionality. *Cognition*. 57(2): 129-191.
- Kennedy, C. & McNally, L. 2005. Scale structure, degree modification, and the semantics of gradable predicates. *Language*. 81(2): 345-381.
- Krifka, M. 2002. Be brief and vague! And how bidirectional optimality theory allows for verbosity and precision. In: D. Restle & D. Zaefferer (Eds.). *Sounds and systems: Studies in structure and change, a Festschrift for Theo Vennemann*. Berlin: Mouton de Gruyter, 439-458.
- Ripley, D. 2011. Contradictions at the borders. In: R. Nouwen, R. van Rooij, U. Sauerland & H.-C. Schmitz (Eds.). *Vagueness in communication*. Lecture Notes in Computer Science Berlin: Springer, Vol. 6517, 169-188.
- Sedivy, J. C., Tanenhaus, M. K., Chambers, C. G. & Carlson, G. N. 1999. Achieving incremental semantic interpretation through contextual representation. *Cognition*. 71(2): 109-147.